



ORIENTE MÉDIO

Hammas aceita plano para trégua em Gaza

Movimento islamita anuncia que está pronto para “começar imediatamente” as discussões sobre a implementação de um cessar-fogo. A resposta positiva ocorre às vésperas de uma nova visita do premiê israelense a Donald Trump nos EUA

Hammas e Israel podem estar mais próximos de um cessar-fogo na Faixa de Gaza. O movimento islamita, que governa o enclave palestino, apresentou uma resposta positiva aos países mediadores — Catar e Egito — e disse estar pronto para “começar imediatamente e seriamente” as negociações sobre a implementação da proposta de trégua, afiançada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O governo israelense já teria concordado com o plano.

“O Hamas completou suas consultas internas e discutiu com forças e facções palestinas sobre a proposta recente de mediadores. O movimento entregou sua resposta aos irmãos mediadores, que foi caracterizada por um espírito positivo”, divulgou o grupo no Telegram.

O anúncio ocorreu horas antes de mais uma viagem do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, aos Estados Unidos. O premiê vai passar cinco dias em Washington e será recebido na segunda-feira por Trump, seu parceiro estratégico, na Casa Branca.

Segundo uma fonte palestina próxima das discussões, a proposta

“compreende uma trégua de 60 dias” durante a qual o Hamas libertaria metade dos reféns israelenses ainda vivos em troca de presos palestinos.

Garantias

A Jihad Islâmica, principal movimento palestino aliado do Hamas contra Israel na guerra em Gaza, disse que apoia as negociações, e pediu salvaguardas. “Apresentamos (ao Hamas) alguns pontos detalhados sobre o mecanismo de aplicação da proposta [de trégua patrocinada pelos Estados Unidos] recebida dos mediadores [Egito e Catar] e queremos garantias suplementares”, indicou o grupo, por meio de nota.

Enquanto não há acordo final de trégua, o Exército israelense prossegue com a intensificação da ofensiva na Faixa de Gaza. A Defesa Civil do enclave informou que 52 palestinos foram mortos em ataques aéreos, bombardeios e disparos, 11 dos quais próximos a locais de distribuição de ajuda alimentar. Cinco delas teriam morrido a tiros.

Procurado pela agência de notícias France Presse (AFP), o Exército israelense declarou que não podia



Homem observa os danos de um ataque a AL-Bureij, no centro do enclave palestino: ofensiva reforçada

comentar de maneira específica os ataques sem coordenadas precisas. Ressaltou, porém, que os militares estão “operando para dismantelar as capacidades militares do Hamas”.

Pausas

Iniciada em outubro de 2023, após um ataque sem precedentes do Hamas no sul de Israel, a guerra em Gaza teve dois momentos de

pausa. O primeiro, no mês seguinte ao início do conflito, durou uma semana. Nesse período, os extremistas libertaram os primeiros 105 reféns israelenses em troca de prisioneiros palestinos.

A segunda trégua ocorreu 14 meses depois. Foi acertada no início do ano, pouco antes de Donald Trump retornar à Casa Branca. Estavam previstas duas fases, mas apenas uma prosperou, durante cerca de dois meses. O Hamas soltou 33 reféns — para cada um deles, 50 presos palestinos retornaram para Gaza.

Resgatar todos os reféns mantidos pelo Hamas em Gaza é o foco de Netanyahu, que promete exterminar o movimento islamita palestino. “Sinto um profundo compromisso, primeiro e sobretudo, para garantir o retorno dos sequestrados, todos eles”, disse o premiê, na quinta-feira, aos moradores do kibutz Nir Oz, a comuna agrícola de onde as milícias islamistas sequestraram mais pessoas.

Apesar do iminente cessar-fogo, Netanyahu reitera que a guerra só terminará, de fato, quando o Hamas for aniquilado. Trump, por sua vez, diz que deseja segurança para a população da Faixa de Gaza. “Isso é o mais importante”, declarou ao ser perguntado se ainda deseja que os Estados Unidos assumam o controle do enclave, como anunciou em fevereiro.

Em cinco semanas, 613 mortes

A Organização das Nações Unidas (ONU) informou, ontem, que 613 pessoas morreram durante a entrega de ajuda em Gaza desde o fim de maio. A maioria das mortes, 509, ocorreram perto das instalações da Fundação Humanitária de Gaza (GHF), apoiada pelos Estados Unidos e por Israel.

A GHF começou a distribuir caixas de alimentos em 26 de maio, após um bloqueio de mais de dois meses imposto por Israel à entrada de toda ajuda humanitária no enclave palestino. As doações

promovidas pela fundação levaram a cenas caóticas, com o exército israelense atirando em várias ocasiões, alegadamente na tentativa de conter centenas de palestinos desesperados.

O levantamento vai até 27 de junho, declarou Ravina Shamdasani, porta-voz do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, em uma coletiva de imprensa em Genebra. Segundo ela, 104 mortes foram registradas “perto de comboios da ONU e de outras organizações”.

“Quanto e quem é responsável, está claro que o exército israelense bombardeou e disparou contra os palestinos que tentavam chegar aos pontos de distribuição. Quantas pessoas foram mortas? Quem é o responsável?”, indagou.

A ONU e as principais organizações de ajuda se recusaram a trabalhar com a distribuidora, alegando que ela serve aos objetivos militares israelenses e viola os princípios humanitários básicos. A fundação, que usa empreiteiros armados para fornecer segurança

em suas instalações, nega que tenha havido qualquer incidente “nas proximidades” dos quatro centros instalados no enclave.

O presidente da GHF, Johnnie Moore, um líder cristão evangélico aliado de Donald Trump, rejeita os apelos de várias ONGs para encerrar suas atividades e afirma que entregou mais de um milhão de caixas de alimentos desde o início de suas operações. “Não vamos fechar. Temos um trabalho a cumprir”, disse Moore, no início da semana, em Bruxelas.



Multidão em local de distribuição de ajuda humanitária da GHF

Conexão diplomática



Por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Todas as fichas na COP de Belém

A cúpula do Brics, no Rio, na entrada da semana, encerra o semestre e os compromissos internacionais que ocuparam a agenda do governo antes daquele eleito desde o começo como a grande prioridade do ano: a conferência climática COP30, marcada para novembro em Belém. Não por acaso, a pauta ambiental foi uma das prioridades das reuniões da diplomacia brasileira para a presidência rotativa do bloco emergente, que segue até o fim do ano, formalmente, mas se encerra na prática com o encontro dos líderes.

Inclusive, por conveniências geopolíticas, a reunião de Belém foi a aposta principal de Lula também para receber os representantes dos demais 10 sócios do Brics — entre eles, meia dúzia de chefes de Estado ou governo — e dos países parceiros. A crise do clima merecerá um dos documentos temáticos que complementarão o comunicado final da cúpula. Outro versará sobre um assunto correlato, o combate às doenças determinadas social e geograficamente, com ênfase na cooperação para desenvolver a medicina tropical.

Pé ante pé

Os sherpas do bloco, como são chamados os diplomatas que conduzem as negociações prévias a encontros desse tipo, terminaram a semana debruçados sobre os textos a serem aprovados e divulgados. Os cuidados são redobrados na redação do comunicado final geral. Como anfitrião e presidente da cúpula, o governo brasileiro trata de escolher cuidadosamente as palavras e calibrar o tom com a precisão possível.

Já nas duas cúpulas anteriores, as guerras na Ucrânia e no Oriente Médio foram espinhos. No primeiro caso, pelo interesse direto da Rússia, uma das sócias fundadoras do grupo e parte no conflito. O segundo ganhou novas dimensões com os ataques de Israel e EUA ao Irã, um dos seis países incorporados no ano passado, na cidade russa de Kazan.

O cessar-fogo alcançado a duas semanas do encontro, embora não tenha resolvido o problema, facilitou a vida para os negociadores. Mas a retomada dos bombardeios e ações militares israelenses em Gaza, com dezenas de palestinos mortos diariamente,

tende a motivar pedidos por uma condenação mais firme. Egito, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos estão entre os novos membros plenos, e costumam zelar ao menos com os sinais exteriores, quando entra em pauta a questão palestina.

Empenhados em evitar uma politização mais acentuada do Brics, Planalto e Itamaraty pisam em ovos para não frustrar os sócios — sejam os quatro originais ou os seis recém-admitidos.

Três ausentes

A troca de mísseis e drones com Israel, durante 12 dias de junho, e o bombardeio norte-americano a suas instalações nucleares foram as razões alegadas pelo Irã para justificar a ausência do presidente Masoud Pezeshkian na cúpula do Rio. Mas a intensa comunicação com Moscou e Pequim sugere que o regime islâmico de Teerã espera do Brics mais apoio — se não militar, diretamente, ao menos político-diplomático.

Coincidência ou não, trata-se dos três desfalques mais notórios na reunião.

Vladimir Putin participará por videoconferência e alegou não ter garantias do Brasil quanto ao mandado de prisão expedido contra ele pelo Tribunal Penal Internacional, do qual o país é signatário. Xi Jinping invocou dificuldades de agenda e decidiu enviar o premiê Li Qiang.

Os presidentes da Rússia e da China, ao contrário de Lula, manobram para consolidar o Brics como contrapeso geopolítico aos EUA e seus aliados, especialmente os europeus.

Trump no radar

A proximidade física e a densidade das relações bilaterais com Washington explicam, em boa parte, o tato com que Planalto e Itamaraty navegam nas águas agitadas do bloco emergente. Durante seu período na presidência rotativa, o Brasil pisou ostensivamente no freio das iniciativas para “desdolarizar” o comércio e as transações financeiras globais — embora o tema conste, oficialmente, das prioridades elencadas.

O retorno de Donald Trump à Casa Branca, em janeiro, com os solavancos da guerra tarifária, foi fator determinante na opção pela prudência. Com a

eleição de 2026 no horizonte próximo, a saúde da economia requer atenção e cuidados redobrados.

Marcha à ré

Menos comentada, a ausência de um vizinho sul-americano na cúpula do Rio resulta mais clara e diretamente de uma decisão do governo Lula. A Bolívia, agora país parceiro do bloco, será representada pelo presidente Luis Arce. Gabriel Boric, do Chile, foi convidado e confirmou presença.

A Venezuela de Nicolás Maduro, cotada para ingressar no bloco em 2024, foi barrada em Kazan pelo veto do Brasil. Agora, sequer recebeu convite para assistir como observadora. Não são poucos os que veem aí o dedo do assessor especial do Planalto, Celso Amorim. O ex-chanceler não escondeu a contrariedade com o tratamento que recebeu de Maduro e auxiliares quando foi a Caracas, no ano passado, na tentativa de interceder no impasse em torno do resultado oficial da eleição presidencial de julho, contestado pela oposição.

Até hoje, Lula não reconheceu formalmente a vitória de Maduro.